

CIRCULAÇÃO E GEOGRAFIA: FRAGMENTOS TEÓRICOS DOS AUTORES CLÁSSICOS

Autores: IGOR MARTINS DE OLIVEIRA, LUIZ ANDREI GONÇALVES PEREIRA

Introdução

No livro “A natureza do Espaço” Milton Santos (2006) sugere uma proposta de definição da Geografia, que “considera que a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação que formam o espaço”. Neste caso, é pertinente considerar o conceito de espaço para esse autor, que o define como “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, 39). Em um momento anterior a publicação de “A natureza do espaço”, Santos (2006) considerou que: “o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente” (SANTOS, 1980, p.122). Esta tese é corroborada por Santos e Silveira (2003) ao afirmarem que a escolha de um caminho metodológico significa levar em conta as diversas e variáveis escalas de manifestações da realidade, a fim de encontrar as variáveis explicativas. Como advento do meio técnico científico e informacional, os círculos de cooperação, instalam-se em um nível de grande complexidade em uma escala geográfica de ampla ação (SANTOS; SILVEIRA, 2003).

Entendemos que o conceito de circulação evolui concomitante ao desenvolvimento do meio técnico científico e informacional, como uma instância macro que embasa o processo de mobilidade que é entendida por Lévy (2001, p.01) como “a relação social ligada à mudança de lugar, isto é, como o conjunto de modalidades pelas quais os membros de uma sociedade tratam a possibilidade de eles próprios ou outros ocuparem sucessivamente vários lugares”. Desta forma a mobilidade diz respeito ao movimento de pessoas, de mercadorias e de informações, que tem agido, atualmente como elemento de integração e locais, regionais e globais. Dantas (2016, 194) adverte que “quando falamos em mobilidade estamos nos referindo a um conjunto que envolve valores, regras, condições geográficas (aqui compreendido os dispositivos tecnológicos), econômicas e sociais, ou seja, um conjunto que possibilita o deslocamento de bens materiais e imateriais”.

As proposições aqui colocadas nos embasam a afirmar a indissociabilidade da comunicação, do transporte e da informação que compõe a mobilidade, essa por sua vez, se inscreve no circuito espacial na Geografia (DANTAS, 2016). Pelas definições e proposições até aqui apresentada notamos uma semelhança conceitual nos autores que trabalham as categorias analíticas mobilidade e circulação entendidas pela junção da técnica, economia e política que envolvem o movimento de mercadorias, pessoas, informações e do próprio capital (SILVA JUNIOR, 2007). Rafestin (1993) trabalha com as categorias, circulação, comunicação e informação. Para este autor, a circulação e a comunicação são duas faces da mobilidade, as três categorias analíticas são complementares e presentes em todas as estratégias que os atores sociais desenvolvem com o intuito de dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle a distâncias. A partir desse elemento “controle do espaço” atingimos um novo caminho de análise que nos leva a teorização de Baker (1993, p.60) sobre a logística enquanto uma das “raízes da (de) ordem e da globalização/fragmentação”. A partir do processo de globalização, “o que conta é a seleção de veículos e vetores para garantir o movimento perene – envolvendo o controle do tempo presente e futuro - a seleção dos lugares a ela subordinando” a autora complementa:

[...] a nova racionalidade tende a se difundir pela sociedade e o espaço, ao nível operacional, concreto, e seletiva. A questão que se impõe é – quem controla a logística? Questões que envolve o debate sobre o grau de autonomia da tecnologia e seus riscos, e que coloca sob outro foco de reflexão a ações dos movimentos sociais e do Estado. Pois que a logística está presente também em propostas de ação sobre o território (BACKER, 1993, p.60).

A partir do que foi posto podemos afirmar embasados em diversos autores entre eles Silva Junior (2009) que a logística é a etapa atual do processo de circulação. Diante disso, nossa situação problema é: como se desenvolveu o processo de circulação na geografia, culminando com a logística moderna. Assim, nosso objetivo é compreender o processo de desenvolvimento da circulação na ciência geográfica.

Material e métodos

A metodologia aplicada se concentra em levantamento e revisão bibliográfica, de autores clássicos como Paul Vidal de La Bache (1954), Ratzel (1990), Alfred Hetter (2012), e autores contemporâneos como: Silva Junior (2009; 2012), Santos (1980; 2006) entre outros.

Resultados e discussão

Para Dantas (2016), a mobilidade é, sem dúvida, um dos fundamentos da existência humana que está na organização de grupos, sempre constituindo um domínio estratégico. Andrade (1987) considera que a Geografia ao estudar as relações sociedade e natureza, tem um amplo objetivo, isso a “obriga” a ser difundida ou penetrar em outras ciências. Silva Junior (2009; 2012) resgata a epistemologia da circulação entendendo esse processo como um ramo da ciência geográfica; que historicamente compareceu na Geografia como um dos elementos constitutivo da ação do homem, como função de produção, política ou como mero deslocamento no espaço. Para o autor, esse fato se configura principalmente pela natureza coreográfica da geografia Tradicional.

Epistemologicamente, a noção de circulação está relacionada às descobertas da fisiologia sobre a circulação sanguínea, tornando esse termo polissêmico em decorrência do projeto de civilização racionalista, mecanicista, organicista e positivista, cuja eficácia estava concentrada no corpo humano (SILVA JUNIOR, 2012)

Assim, a Geografia se apropria de teorias já criadas, principalmente daquelas voltadas para a escola fisiocrata, matemática e medicina, desta maneira “a noção de circulação transposta para a Geografia foi inspirada nas descobertas de William Harvey, médico londrino que descreveu pela primeira vez de modo correto os detalhes da circulação do sangue, em 1628. Os estudos de Harvey influenciaram não somente a medicina, mas o discurso científico renascentista, tendo sido difundido por René Descartes” (SILVA JUNIOR, 2012, p.391). René Descartes entendia a circulação como uma forma de observar a natureza tendo como cerne a necessidade de uma nova interpretação que levasse a construção de uma verdadeira ciência “análoga à observação da natureza e de seus mecanismos, para o estabelecimento de sua dominação pelo reino do homem”(SILVA JUNIOR, 2012, p.391). Descartes contribuiu ainda para o estudo das redes, que é pensada através modelo de racionalidade, representativo de uma “ordem formalizável que a teoria matemática cuidará de por em evidencia” (MUSSO,2004, p. 21) A noção de circulação também compôs o desenvolvimento do pensamento Saint simoniano, através da concepção das redes técnicas como principais formas de circulação “Sangue-dinheiro” (SILVA JUNIOR, 2012, p.391). Com Saint Simom,(Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, 1760-1825), a circulação, através das redes sai do corpo tornando “um artefato superposto a um território anormofoseando-o”(MUSSO,2004 p. 22).

O filósofo positivista Herbert Spencer, (1820-1903),difusor da ideologia do progresso, defende uma sociologia evolucionista através do estudo dos organismos sociais, categorizados como aparelhos, sistemas e funções (SILVA JUNIOR, 2012). Neste processo de construção do arcabouço teórico da circulação não podemos cometer a negligencia de destacar que o concomitante desenvolvimento das redes técnicas, corrobora e/ou contribui para a formulação de teorias voltadas à circulação.

Foi no final do século XVIII, que o conhecimento até então construído, através de observações, viagens, conquistas, negociações e peregrinações tomaram forma e foi sistematizado como ciência sendo atribuído grande destaque para os trabalhos dos geógrafos Alexandre von Humboldt (1769-1859) e a Karl Ritter (1779-1859). Contudo, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da Geografia da circulação quatro geógrafos merecem nosso destaque e explanação.

O geógrafo alemão Alfred Hetter (1859- 1941) que publicou em 1897 o artigo denominado “*Der gegenwärtige stand der Verkehrsgeographie*” (“O atual estado da Geografia da Circulação”) (SILVAJUNIOR, 2012, p.393). É considerado precursor da circulação na Geografia por ter publicado o primeiro trabalho geográfico dedicado ao transporte. No entendimento de Hetter, “a Geografia da Circulação se refere a povoamento, população e assentamentos; pois se estes apresentam o homem estaticamente, aquela o apresenta em movimento” (HETTNER, 2012, p. 155). O autor considerava que no estudo da circulação na Geografia necessitaria de uma aproximação com a História e com a economia nacional. Ele advertia que: “Foi uma idéia errônea, para a qual já foi chamado a atenção, querer englobar completamente o desenvolvimento histórico da circulação na Geografia e tornar a Geografia da Circulação uma Ciência Geral da Distância, porquanto ela é uma superação do espaço” (HETTNER, 2012, p. 155)(sic). Em uma análise epistemológica podemos citá-lo como o primeiro geógrafo ligado as práticas logísticas, uma vez que para ele “a Geografia da Circulação está em íntima relação com a Geografia Militar do mesmo modo que com a Geografia Econômica” (HETTNER, 2012, p. 154).

Embora tenha proposto o tema, coube ao também alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) o desenvolvimento de estudos voltados para a circulação, que por uma questão de tradução foi tratado na escola alemã de “geografia dos transportes” tendo como principal publicação, em 1903 da segunda edição do clássico “*Geographie Politische*”, que devido o enfoque atribuído aos transportes passou a ser intitulado de “*Politische Geographie oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges*” (“*Geografia Política ou a Geografia dos Estados, dos Transportes e das Guerras*”) (SILVAJUNIOR, 2012, p.393).

O terceiro autor clássico que dedicou parte de seus estudos ao processo de circulação foi o francês Paul Vidal de La Blache, com a publicação da obra póstuma “Princípios de Geografia Humana”. Na obra, La Blache analisa a evolução histórica das vias, demonstrando uma perspectiva determinista, quando o meio determinava (devido à limitação técnica, já que ele fundou a escola francesa que de natureza se denominou possibilista) os melhores e mais seguros percursos. Para ele, as estradas imprimiam-se no solo e semeavam o germe da vida. Destaque foi dado às construções das vias (estradas) durante Império Romano por sua estrutura e extensão à frente da época. Quando La Blache analisa os caminhos de ferro, ele destaca que as estradas tiveram sua gênese diretamente ligada ao desenvolvimento da indústria e da exploração dos recursos minerais, sobretudo da hulha. La Blache considerava ainda, que os caminhos de ferro obedeceram a uma lei de multiplicação progressiva de extensão e velocidade, no entanto, a rede estava ainda longe abranger toda a parte terrestre do globo.



Com o surgimento da Geografia crítica ou radical, Milton Santos ganha destaque na formulação de teorias sobre o subdesenvolvimento, meio técnico científico e informacional e globalização que compatibilizam com o desenvolvimento da circulação. Para o autor, “como, no processo global da produção, a circulação prevalece sobre a produção propriamente dita, os fluxos se tornam mais importantes ainda para a explicação de uma determinada situação. O próprio padrão geográfico é definido pela circulação, já que esta, mais numerosa, mais densa, mais extensa, detém o comando das mudanças de valor no espaço” (SANTOS, 2006, p.181). Outra formulação de Santos em parceria com Silveira (2003) diz respeito à circulação desnecessária, termo que segundo os autores foi herdado da teoria marxista de produção necessária e desnecessária. Para Santos e Silveira (2003, p.297) isto é “a produção cuja presença é capaz de assegurar o bem-estar das populações, em confronto com outra produção, destinada à exportação”. Julgamos a afirmação dos autores radical, pois ao considerar o que eles tratam como “circulação desnecessária” não considera *a priori* a parte econômica local/regional/nacional, mas sim (e semente) o bem estar social decorrente aos fluxos material e imaterial que essa circulação traria. Desta maneira, os autores refletem esse processo pelo prisma da globalização e da intensificação dos fluxos, assim “a globalização acelera esse último processo (a aceleração desnecessária), porque faz parte do seu credo de idéias de que sem exportar é impossível modernizar-se e participar plenamente”.

Considerações finais

Com a realização deste trabalho, analisamos o desenvolvimento da noção de circulação e de mobilidade. Buscamos em diferentes áreas do conhecimento a epistemologia do termo. Identificamos filosofias e métodos que culminaram com o processo de sistematização da Geografia. A análise das obras clássicas, Hettner, Ratzel e La Blache enriquecem o saber geográfico com a apropriação de termos e tendências de pesquisas que se somam a geografia contemporânea. Por fim, a obra de Santos, caracteriza o espaço atual, da globalização, da guerra dos lugares, assim como da logística (mesmo não sendo tratada diretamente por ele) entendida como a face atual do processo de circulação.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão de bolsa de mestrado.

Referências bibliográficas

- ANDREDE, Manoel Corrêa de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- BECKER, Berta. K. Logística: uma nova racionalidade no ordenamento do território? **Anais do 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: AGB, 1993.
- DANTAS, Aldo. CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO E LUGAR. In: **Sociedade e Território** – Natal. Vol. 28, N. 1, p. 193-199. Jan./Jun. de 2016
- HETTNER, Alfred. Os ramos da geografia e sua relação com as ciências da natureza / Die Zweige der Geographie und ihr Verhältnismittlen Naturwissenschaften Tradução: Leonardo Arantes. In: **Revista GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 138-160, 2012
- MUSSO, Pierre. A Filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- RATZEL, Friedrich. **Geografia do Homem (Antropogeografia)**. In: MORAES, Antonio Carlos R.; FERNANDES, Florestan (Org.). Ratzel. São Paulo: Ática, 1990
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Atica S.A. 1993
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- _____. SILVEIRA, Maria Laura. **O BRASIL**: Território e sociedade do século XXI
- _____. Por uma geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SILVA JUNIOR, Roberto de França. Circulação, epistemologia e a constituição de um ramo da ciência geográfica. In: **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, 2012.
- _____. **Circulação e Logística Territorial**: a instância do espaço e a circulação corporativa. 2009. 384 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista – UNESP. Presidente Prudente, 2009
- _____. A CIRCULAÇÃO COMO UM DOS FUNDAMENTOS DO ESPAÇO: ELEMENTOS PARA A BUSCA DE UM CONCEITO. In: **Revista Geografia e Pesquisa**. Ourinhos, SP. v. 1, n. 1, p.139-155, 2007.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Princípios de Geografia Humana**. Tradução: Fernandes Martins. 2ª Ed. Lisboa: Cosmos, 1954.